

## A MÚSICA REGIONAL MATO-GROSSENSE: IDENTIDADE E IMAGINÁRIOS

Geovane Aparecido Martins\*

### Resumo:

*Este artigo propõe uma discussão voltada para os efeitos de sentidos criados e materializados na música regional mato-grossense, o rasqueado. A questão desenvolvida para a discussão situa-se basicamente nos processos de constituição de imaginários no/sobre Mato Grosso, significando os sentidos do natural e do local sócio-historicamente construídos na injeção de materialidades simbólicas distintas, sendo: a letra, o ritmo e o acompanhamento instrumental na música “É bem Mato Grosso”. A reflexão deste estudo, parte do pressuposto de que a música em análise produz sentidos que configuram a subjetividade do mato-grossense.*

**Palavras-chave:** análise de discurso; rasqueado; identidade; imaginários.

### Abstract:

*This paper proposes a discussion focused on the effects of meanings created and materialized in Mato Grosso regional music, rasqueado. The question developed for discussion lies primarily in the processes of formation of the imaginary / about Mato Grosso, meaning the senses of the natural and of the local socio-historically constructed in the injection for different symbolic materiality, being: the letter, the pace and the instrumental accompaniment in music "is quite Mato Grosso." The approach of this study assumes that the music in question produces meanings that shape the subjectivity of Mato Grosso.*

**Keywords:** discourse analysis; rasqueado; identity; imaginary.

Nosso anseio neste artigo busca questionar e compreender os efeitos de sentidos produzidos pela música regional mato-grossense na contemporaneidade. Ao depararmos com essa linguagem musicada percebemos logo alguns gestos ufanistas que colocam o estado de Mato grosso significando-se como espaço de diferentes práticas discursivas, inscrevendo dentre elas a música regional, com seus ritmos,

---

\* Mestrando no Programa de Pós-graduação em Linguística (UNEMAT – Universidade do Estado de Mato Grosso) Campus de Cáceres – MT. ([geovane-martins@hotmail.com](mailto:geovane-martins@hotmail.com)).

letras e instrumentalizações. Nota-se a partir daí, um grande investimento artístico em fazer significar o Estado pelas suas particularidades naturais, as quais são intensamente definidas enquanto práticas de sua cultura regional.

Para analisar as possibilidades de sentidos nestas práticas discursivas recortamos como *corpus* de estudo, a materialidade simbólica do *rasqueado* na injunção do ritmo, do instrumental e da letra na composição “É bem Mato Grosso” (2007) de Pescuma e Ulysses Serrotine, cantada pelo trio mato-grossense Pescuma, Henrique e Claudinho. Nosso interesse é partir da relação que compreende a chamada música *regional* no processo de identificação do sujeito.

Propomo-nos à discussão voltada para os efeitos de sentidos produzidos e materializados nessas diferentes materialidades significantes produzidas no/para o Mato Grosso, supondo como questão a compreensão dos processos de constituição de sentidos que se produzem como *identificações* mato-grossenses.

Inscrevemo-nos, para isso, nos pressupostos teóricos da Análise de Discurso, de linha francesa, por permitir a compreensão da relação língua/história/sujeito de modo constitutivo. Para compreender esse processo de constituição sustentamos nosso estudo nas concepções adotadas principalmente por Eni Orlandi e Michel Pechêux.

Importante salientar que para a Análise de Discurso tudo o que produz sentidos é linguagem, sendo este verbal ou não, e isso se torna fundamental para as nossas mobilizações. Assim como é dito por Orlandi “O trabalho simbólico do discurso está na base da produção da existência humana”. (2007:15). Desta forma, as noções mobilizadas aqui, partem dos processos do interdiscurso enquanto espaço para as formações imaginárias e discursivas. As questões que se baseia são: De que modo essas discursividades artísticas produzem efeitos de sentidos/identificações para o sujeito mato-grossense? De que modo o Outro está implicado nas formações imaginárias que definem esse processo de identificação/naturalização de sentidos para o sujeito de Mato Grosso?

Para um processo de compreensão destes questionamentos comungamos da noção de que determinado a significar(se), o sujeito é afetado pelo simbólico e pela história para que produza sentidos. A língua(gem) para a Análise de Discurso é concebida como não-transparente, ou seja, ela está sujeita à falhas, à equívocos que se manifestam pelo acontecimento do discurso. Isto fortalece a compreensão de que o sujeito não tem o domínio do seu dizer e sim este é submetido à língua para que faça sentido, desse modo o sujeito só passa a se identificar por uma formação discursiva.

A formação discursiva – lugar provisório da metáfora – representa o lugar de constituição do sentido e de identificação do sujeito. Nela o sujeito adquire identidade e o sentido adquire unidade, especificidade, limites que o configuram e o distinguem de outros, para fora, relacionando-o a outros, para dentro. Essa articulação entre um fora e um dentro são efeitos do próprio processo de interpelação. (ORLANDI, 1999: 21)

É nessa formação discursiva que se materializa a ideologia que aparece “disfarçada” interpelando o indivíduo em sujeito e configurando a subjetividade. Assim, a Análise de discurso compreende que na linguagem/discurso, o sujeito poderá ser afetado por uma posição-sujeito outra, ou seja, coloca-se em outra posição. Isto resulta do afetamento simbólico pelo imaginário em que o sujeito pressupõe um sujeito modelo, ideal, que complete sua falta no outro. Neste efeito, configura-se a alteridade, que é possível pelas “formações imaginárias”. Orlandi aborda que,

Em toda língua há regras de projeção que permitem ao sujeito passar da situação (empírica) para a posição (discursiva). O que significa no discurso são essas posições. E elas significam em relação ao contexto sócio-histórico e à memória (o saber discursivo, o já-dito). (...) (2002:40)

Ainda em suas palavras,

O imaginário faz necessariamente parte do funcionamento da linguagem. Ele é eficaz. Ele não “brota” do nada: assenta-se no modo como as relações sociais se inscrevem na história e são regidas, em uma sociedade como a nossa, por relações de poder. (2002: 42)

Esse imaginário da qual falamos aqui, refere-se à possibilidade do sujeito, afetado por uma ideologia, poder projetar outro, nele mesmo, ou seja, pelo imaginário que este tem de alguém ou de algum lugar, no qual sai de uma posição sujeito e coloca-se numa outra. O que nos chama a atenção é que o imaginário “não brota” do nada”, ou seja, para que haja imaginários os sentidos precisam estar postos no mundo para que produzam efeitos na língua, constituindo subjetividades pelo discurso.

O processo de subjetivação para Orlandi se dá pelo afetamento da história e do simbólico, esta “subjetividade é assim estruturada no acontecimento do discurso” (1999: 17). Este discurso que produz sentidos está no campo da ideologia que é materializada na língua.

Uma questão fundamental discutida por Orlandi é a de que trabalhar a ideologia é de certa forma, pensar a memória discursiva, ou seja, o interdiscurso, “assim o trabalho ideológico é um trabalho da memória e do esquecimento (...) é justamente quando esquecemos quem disse “colonização”, quando, onde e por que, que o sentido de colonização produz seus efeitos” (2002: 49).

Isto é, os sentidos não pertencem ao sujeito, mas se significam “pela história e pela língua”. Deste modo, o que falo vem do *já-dito*, de outro lugar, por outro sujeito e em outro momento da história. Neste sentido, a língua estabelece um retorno para o interdiscurso, ou seja, “para que minhas palavras tenham sentido é preciso que elas já façam sentido” (2002: 33).

Como é dito por Pêcheux, trabalhar com o discurso é trabalhar com a ideologia e com o acontecimento da língua(gem) e, é nesse acontecimento que o sujeito – afetado pela ideologia e pelos sentidos – passa a se significar e se subjetivar. Assim, os sentidos que desde então, já estão postos no mundo, deslocam-se de um dizer “sou eu quem me constituo” para um dizer “os sentidos são o que me constituem”.

Partindo deste princípio, Pêcheux vai dizer que,

O poder de *mise en scène*, o efeito “poético” que faz assistir à cena, tem, pois, como base a condição implícita de um deslocamento das origens (do “ponto zero” das subjetividades), deslocamento do presente ao passado, acoplado ao deslocamento de um sujeito a outros sujeitos, que constitui a identificação. (1995:168)

Esse efeito “poético” de deslocamento espacial e temporal e de sujeito para outro, só é possível pela linguagem, ou seja, pelo o que já faz sentido no mundo.

Essa terminologia será fundamental para se pensar o efeito que a língua causa no sujeito, e neste sentido, ao se pensar a música “È bem Mato Grosso” podemos perceber que além de estar com efeitos de sentidos genuinamente mato-grossenses, ela funciona também como um gesto de construção de identidade, que carrega não somente na letra, mas também no seu ritmo (rasqueado) e nos instrumentais inúmeras possibilidades de práticas identitárias.

Para entendermos esse processo, é preciso primeiro passear pela música que nos diz.

### **È bem Mato Grosso**

È bem Mato Grosso o guaraná ralado, pacu assado, manga madura no quintal.

È bem Mato Grosso banho de rio ou cachoeira, pescaria no Teles Pires, Araguaia ou Pantanal.

È bem Mato Grosso festa de Santo, churrasco pixé caju.

É bem Mato Grosso som com viola de cocho, Siriri e Cururu.  
É bem Mato Grosso belas Igrejas, casarões coloniais, festas de rodeios,  
praias, festivais.  
É bem Mato Grosso grandes rebanhos, plantações fenomenais, um povo  
hospitaleiro como não se viu jamais.  
É bem Mato Grosso o sol mais quente que há, aquela bem geladinha a  
morena e a loirinha que faz a gente suspirar.  
É bem Mato Grosso um bailão de rasqueado, onde ninguém fica parado  
até o dia clarear (2x)

Partindo das concepções da Análise de Discurso, podemos perceber o funcionamento de sentidos produzidos por esta composição, assim ao se dizer “é bem Mato Grosso” em todos os versos que se iniciam, cria o efeito do que é posto como “singularidade” mato-grossense, produzindo artefatos da não existência desses sentidos numa outra região e, nessa produção, pressupõe o Estado como a “diferença” nacional. Este discurso, que utiliza sentidos já significativos ou instaurados para Mato Grosso pela memória é, nosso entender, “coroadado” e “cristalizado” como particularidades específicas, isto é, que só existem ali.

Pode-se perceber a inversão da ordem do discurso em que coloca a expressão “é bem Mato Grosso” como adjetivo de qualidade, enquanto o que se segue na composição torna-se substantivos “o guaraná ralado, pacu assado, manga madura no quintal... é bem Mato Grosso”. Desta forma, este discurso poderá ser compreendido metaforicamente, como um mapa, um decalque ou uma propaganda do lugar, ao exaltar assim seus “produtos” e suas “qualidades”.

É interessante se observar ainda, que esta música produz um discurso em que percorre simbolicamente os quatro cantos de Mato Grosso. E nesse percurso discursivo, descreve o que era passado pressupondo a existência desses sentidos até nos dias de hoje como a “festa de Santo, churrasco, pixé,... belas Igrejas, casarões coloniais... som com viola de cocho, siriri e cururu... e etc.”. Uma discursividade que não quer deixar morrer esses sentidos da tradição mato-grossense.

Observando a questão rítmica desta música, percebe-se que ela cria, assim como a letra, sentidos de Mato Grosso, ou seja, um ritmo tipicamente daquele lugar. O ritmo conhecido como o *rasqueado* tem nas suas características o *swing* rápido e sons repetitivos, compreendido como um ritmo específico, original, posto diferentemente dos outros Estados. O que não deixa de funcionar como um discurso *identitário*, assim como são os ritmos de outros Estados identificadores de seus lugares, é só pensar na Bahia e vir à memória o “Axé”, Rio de Janeiro o “Samba”, o

Nordeste o “forró”, o Rio Grande do Sul o “vanerão” e assim sucessivamente. Desse modo, o *rasqueado* é constituído como identidade cultural mato-grossense.

A parte instrumental cria simultaneamente um discurso em que nos faz pensar o passado, a tradição e o costume de um povo. É um efeito da linguagem, por produzir sentidos da região. É um discurso que mesmo sem se enunciar, se diz por si só, ou seja, há uma inserção de instrumentos ditos tradicionais pertencente àquela localidade e isso representa Mato Grosso. Ao utilizarem-se instrumentos modernos (eletrônicos) como o “violão elétrico, a viola, o contrabaixo, teclado, entre outros” marca a contemporaneidade e pela inserção de instrumentos típicos, tradicionais como a “viola de cocho, “Adufo<sup>1</sup>, ganzá<sup>2</sup>, violínofone<sup>3</sup>, pressupõe pelo simbólico, o “dizer” mato-grossense, ou seja, ali estão instaurados sentidos de Mato Grosso. De fato, é um discurso que produz efeito de identificação, criado pela linguagem não-verbal. Isso aponta para a necessidade de identificar o lugar em relação ao *outro*, de construir um imaginário que preserve o tradicional, ao mesmo tempo em que se diz atual, moderno, pela inserção do novo. É no nosso pensar, um interdiscurso que faz uma “viagem” no tempo para significar a arte e o sujeito atual.

Simbolicamente o sujeito apontado neste ritual discursivo convida o *outro*, a conhecer essas singularidades mato-grossenses e nesse sentido, produz pela materialidade simbólica o “sentimento” de pertencimento e de orgulho. Desta forma, percebe-se pela tematização uma saturação de sentidos.

Ao ser afetado por essas significações, na qual o sujeito se diz como tal, se identifica como tal, é pela materialidade simbólica a formação discursiva e imaginária funcionando neste sujeito, que sem perceber é afetado pela ideologia que produz discursivamente, sentidos de Mato Grosso.

Nessas práticas discursivas de cantar as coisas *mato-grossenses*, instaura-se pela linguagem um sentimento de pertencimento e cria desta forma, uma resistência em se dizer ou pensar em Mato Grosso de outra forma.

Ora o sujeito mato-grossense pressuposto por essas produções mato-grossenses é aquele que *chupa manga, come peixe, toma banho em rios, pesca, dança siriri, cururu e rasqueado, faz festas para santos, come bolo de arroz*, e etc. São esses costumes e tradições instituídos pela tematização destas artes mato-grossenses, que fazem o sujeito significado nesses dizeres.

---

<sup>1</sup> Tambor parecido com um banquinho.

<sup>2</sup> Espécie de chocalho.

<sup>3</sup> Violino acoplado a uma campana de som.

Tomando das palavras de Albuquerque Jr. que fez um trabalho voltado para o Nordeste, intitulado “História: a arte de inventar o passado” (2005), destaco para uma parte em que diz que há três “margens” de concepção da história: a primeira é a “dos objetos formados, os fatos cristalizados, definidos, tido como materiais (...)” (p.28). A segunda margem “as formas de sujeitos já estabilizados, com identidades definidas, fruto de divisões sociais estabelecidas, subjetividades pretensamente estáticas, culturas e simbologias bastante estruturadas” (p.28).

E a terceira margem está para Muniz de que “a história arrasta as suas margens para seu leito, num trabalho incessante de corrosão, em que figuras de objetos e figuras de sujeito, coisas e representações, natureza e cultura se entrelaçam e se misturam, remoinham-se, enovelam-se, hibridizam-se” (p.29).

Para Albuquerque Jr. dessas três concepções, ele se inscreve na terceira, e aborda que o historiador moderno deve questionar a história e buscar compreender os efeitos de sentidos criados pela memória. A historiografia parte de um dado presente para ser escrito e conforme o autor não há mais um lado da história, ela está sempre se refazendo, ela é um discurso, e está sempre produzindo efeitos.

A história passa a se questionar como discurso, sobre como se dá a produção de sentido neste campo. (...) Objetos e sujeitos se desnaturalizam, deixam de ser metafísicos e passam, pois a ser pensados como fabricação histórica, como fruto de práticas discursivas ou não, que os instituem, recortam-nos, nomeiam-nos, classificam-nos, dão-nos a ver e a dizer (p.21).

Para Albuquerque Jr. o historiador deve deixar o passado como forma de cristalizar uma identidade, deixar de conceber os fatos históricos como reais, deixar a matéria, a representação e questionar esses aspectos, para ele a história será sempre um “devir, um fluxo, que desmancha as formas estabelecidas de objetos e sujeitos...” (p.28)

Partindo desta hipótese, há um movimento mato-grossense que se baseia na história passada para criar uma identidade. Ela se instaura numa primeira e/ou numa segunda margem onde se forma, cristaliza, define uma identidade baseada na memória, no passado. Percebo, desse modo, que há uma identidade criada para o mato-grossense atual. Sendo assim, a música e a pintura local produzem um efeito imaginário de sujeito e de lugar que satura os sentidos mato-grossenses, abafando ou apagando outra significação possível para este sujeito e para este Estado, hoje.

Assim como Albuquerque Jr.,

Pensamos, hoje, o passado como uma invenção, de que fizeram parte sucessivas camadas de discursos e práticas. Percebemos o passado como um abismo que não se pára de cavar, quanto mais queremos nos aproximar dele, mais nos afastamos. Damo-nos conta de que a história não está a serviço da memória, de sua salvação, mas está sim, a serviço do esquecimento. Ela está sempre pronta a desmanchar uma imagem do passado que já tinha sido produzida, institucionalizada, cristalizada. Inventado, a partir do presente, o passado só adquire sentido na relação com este presente que passa, portanto, ele enuncia já sua morte prematura (p.61).

Neste sentido, ao se permanecer num discurso em que retoma o passado é de certa forma, pela linguagem, inventar uma identidade partindo da suposição de que “aquilo” representa o sujeito atual.

Podemos notar que com essas práticas discursivas que retomam o passado e a possível história de Mato Grosso, o sujeito mato-grossense vai sendo unificado por um dizer que vai de dentro para fora e de fora para dentro do espaço de Mato Grosso configurando o olhar do outro. Ou seja, com esses movimentos culturistas e tradicionalistas o sujeito e Estado vai sendo identificado pelo discurso que aqui mesmo se cria, e isto é linguagem.

## Referências

JÚNIOR, Durval Muniz de Albuquerque. **A invenção do Nordeste e outras artes**; prefácio de Margareth Rago. – 3. ed – Recife: FJN, Ed. Massagana; São Paulo: Cortez, 2006.

\_\_\_\_\_. História: A arte de inventar o passado. Bauru, SP. Edusc. 2007.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. – Campinas, SP: Pontes, 4ª edição, 2002.

\_\_\_\_\_. **Do sujeito na História e no simbólico**. In: ESCRITOS Contextos Epistemológicos da Análise de Discurso. Campinas – SP, LABEURB. 1999.

\_\_\_\_\_. **Discurso fundador**. Campinas, São Paulo: pontes, 1993.

\_\_\_\_\_. **A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso**. 4 ed. Campinas, SP: Pontes, 1996.

PECHÊUX, Michel. **Semântica e discurso**. 2. ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1995.

\_\_\_\_\_. **Sobre os Contextos Epistemológicos da Análise de Discurso**. In Contextos Epistemológicos da Análise de Discurso. Escritos n.º 4 – LABEURB, Campinas SP. 1999.

\_\_\_\_\_. **O discurso: estrutura ou acontecimento.** Trad. ORLANDI, E. Campinas, SP: Pontes, 2008.

PESCUMA, HENRIQUE & CLAUDINHO. **É bem Matogrosso.** São Paulo: 2007. Disco Compacto: Digital, Áudio. CD. vol. II (Rasqueia Brasil).